



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAFIC  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM

Mário Gerson Fernandes de Oliveira

**JOSÉ MARTINS DE VASCONCELOS: UM POETA  
NO JORNALISMO IMPRESSO**

**MOSSORÓ-RN  
2013**

Mário Gerson Fernandes de Oliveira

**JOSÉ MARTINS DE VASCONCELOS: UM POETA  
NO JORNALISMO IMPRESSO**

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como exigência parcial para a conclusão e obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Me. Márcia de Oliveira Pinto.

**MOSSORÓ-RN  
2013**

Mário Gerson Fernandes de Oliveira

**JOSÉ MARTINS DE VASCONCELOS: UM POETA  
NO JORNALISMO IMPRESSO**

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a conclusão e obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Banca examinadora

---

Professora Me. Márcia de Oliveira Pinto  
- Presidente da Banca Examinadora -

---

Professor Dr. Raimundo Leontino Leite Gondim Filho  
- Examinador -

---

Me. Cid Augusto da Escóssia Rosado  
- Examinador -

Data da aprovação:

---

## **Dedicatória**

Este ensaio - (escrito em seis dias) – que alguns chamam de monografia, eu dedico a você, Davi Felipe, meu Pequeno Campeão, com um verso de Whitman, para você nunca se esquecer de que só os sonhos governam um homem.

“Oh, capitão, meu capitão!” (Walt Whitman)

## **Agradecimentos**

A Jeová.

A Maria do Carmo e Josias Faustino, meus pais, meus companheiros.

A João Maria, amigo fiel.

A Márcia de Oliveira Pinto, paciência e compreensão.

A Mie Nakayama, que se fez presente deste lado das coisas.

Aos poetas de minha solidão.

*O jornalismo é árido, mas consolador, principalmente quando, com sacrifício, conseguimos operar uma revolução.*

*Martins de Vasconcelos*

*Ideias nunca podem levar além de um antigo estado de coisas. Apenas podem levar além das ideias do antigo estado de coisas. De resto, ideias nada podem realizar. Para a realização das ideias são necessários homens que ponham em jogo uma força prática.*

*Marx e Engels*

*Esse ofício de escrever é a danação do mundo.*

*Leontino Filho*

*Ó Mossoró! Ó sol! As consoantes mortas  
Perdem-se no clarão da vogal que as consome  
E acorda todo o Oeste, abrindo as tuas portas,  
Para dar ao sertão o calor do teu nome.*

*Cosme Lemos*

## RESUMO

Relegada, muitas vezes, a um canto de página, um rodapé ou mesmo a uma página par de qualquer caderno, a poesia, e especialmente a Literatura, perde, cada dia, mais espaço no jornal impresso, além disso, seu estudo sistemático e ideológico também se esfria, gerando, assim, certo desconforto em poetas e editores. Mas nem sempre a realidade foi a que se mostra na falta de espaço para os poetas. No século XIX e início do século XX, os jornais impressos eram o reduto dos poetas e, nesse aspecto, eram utilizados para dar vez e voz ao discurso oficial, perpetrado por muitos vates daquele tempo. Martins de Vasconcelos foi, nesse sentido, um poeta que se utilizou de seus poemas para transmitir o que Marx e Engels chamavam de “as ideias dominantes”. Este trabalho, além de evidenciar, de certa forma, a evolução da poesia na cidade de Mossoró-RN, tem como objetivo analisar o poema *Mossoró, 30 de setembro* de autoria de José Martins de Vasconcelos, evidenciando que “não existe linguagem inocente”, quando estamos diante de uma escritura carregada de significados aparentemente ingênuos.

Palavras-chave: Poesia; literatura; jornalismo.

## ABSTRACT

Discarded, most of the time, at the corner of a page, a footnote or even to a page of any paper, poetry, and specially Literature, has lost, each day, more space in printed newspaper. Additionally, its systematic and ideological study has also faded away, producing, thus, some discomfort among poets and editors. But this reality has not been always like that, poets had their place in the past. In the 19th and the beginning of 20th Centuries, printed newspapers were the ground of the poets and they were used to give them turn and voice to the official discourse, intensified by many poets in that time. Martins de Vasconcelos was, in this sense, a poet that used their poems to convey what Marx and Engels named “the dominant ideas”. This work evidences, in such a way, the evolution of poetry in the city of Mossoró (RN) and it also has as an objective to analyze the poem Mossoró September 30th, by José Martins de Vasconcelos, showing that “it does not exist an innocent language”, when we are before a text full of meaning seemingly ingenuous.

Keywords: Poetry; Literature; Journalism.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 OS POETAS NOS JORNAIS .....	16
1.1 A poesia no País de Mossoró.....	16
1.2 A poesia nos jornais de hoje .....	22
2 MARTINS DE VASCONCELOS, POETA E JORNALISTA.....	27
3 MOSSORÓ, 30 DE SETEMBRO.....	35
3.1 Um poema ufanista: entre verdades e mitos .....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS .....	50

## INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, a poesia é utilizada como meio de divulgação de ideias, manifestação do pensamento, de sentimentos e, também, de manutenção ou sustento de discursos oficiais, bem como o contrário, se levarmos em consideração os nomes de poetas revolucionários como Maiakóvski e Victor Hugo, em épocas distintas e em situações diferentes.

Nesse sentido, o que exploramos neste trabalho é, justamente, o aspecto ideológico do poema, pouco estudado e, principalmente, sua função de mantenedor de um discurso oficial nas páginas do jornal impresso.

A cada dia, entretanto, essa visão apenas contemplativa da poesia – de que é arte para se sentir e meio para se chegar às mentes “românticas” – tem caído por terra e dado lugar a um aspecto até então pouco percebido, que é o seu sentido social, cultural e, ao mesmo tempo, ideológico, permeado que está o texto de marcas notórias de contestação ou não de feitos e fatos, passagens e momentos históricos de uma cidade, região ou país.

O jornal impresso, por sua vez, especialmente no caso do poeta José Martins de Vasconcelos, estudado neste trabalho, foi um dos meios pelos quais ele se utilizou para reproduzir o sentido do discurso oficial de uma cidade “libertadora” e de “vanguarda”, no que se refere a aspectos encontrados em seus textos sobre o município de Mossoró-RN.

Aqui, no entanto, é desnecessário o aprofundamento inicial do que seja, para a Teoria da Literatura ou mesmo para as vertentes literárias, a distinção entre poesia e prosa, no que diz respeito ao contexto de nosso trabalho, uma vez que colocamos em relevo os aspectos sociais e ideológicos do poema aqui estudado e não seu sentido literário, sendo, pois, necessária esta explicação.

Não é demais lembrar a observação pertinente de Moisés (1967) acerca da poesia:

A palavra poesia vem do grego *poësis*, de *poien*: criar, no sentido de imaginar. Os latinos chamavam a poesia de *oratio vincta*: linguagem travada, ligada por regras de versificação, por oposição a *oratio prorsa*: linguagem. Como facilmente se deduz, o problema vem interessando a críticos desde a

Antiguidade, associado inicialmente à especulação filosófica. Importa, contudo, verificar que já em Aristóteles existia uma consciência das características profundas da poesia, que a faziam diferente da prosa e da historiografia. (MOISÉS, 1967, p. 30)

A poesia figura até hoje nas páginas de dois jornais locais – O *Mossoroense*, fundado por Jeremias Nogueira da Rocha, em 17 de outubro de 1872, e na *Gazeta do Oeste*, fundado por Francisco Canindé Queiroz e Silva, em 30 de abril de 1977. O primeiro traz, desde seu exemplar número 4, poemas (a visualização do exemplar número não foi possível, devido ao seu estado de conservação, não podendo, assim, afirmarmos se na primeira edição de *O Mossoroense*, o periódico já trazia poemas). A *Gazeta do Oeste*, por sua vez, começou a publicar poemas no ano de 2011, em um espaço do caderno Expressão, na página 6. Antes, porém, o jornal não publicava poesia.

Propomos, nesse sentido, uma análise de conteúdo do poema *Mossoró, 30 de setembro*, de autoria do poeta José Martins de Vasconcelos, poema este que remete à chamada “saga mossoroense”, neste capítulo “especial” dedicada à libertação de seus escravos o que, posteriormente, é estudado, levando-se em consideração outros aspectos, principalmente os aspectos ideológicos do poema, feito ele que está não apenas de estruturas, mas de ideias.

Nesse sentido, é preciso destacar que a relação da literatura – no caso específico de nosso trabalho, da poesia, com o jornal impresso não é de hoje.

Segundo Nina (2007),

A simbiose entre literatura e jornalismo é antiga. Grandes escritores brasileiros tiveram passagem pela imprensa, foram críticos ou cronistas antes de se tornar ficcionistas. Machado de Assis é um desses casos. Ele afinou a pena nas páginas dos jornais, e o exercício diário da escrita moldou os contornos da sua ficção. (NINA, 2007, p. 17)

Não apenas os prosadores tinham espaços nos antigos cadernos de entretenimento, também os poetas afluíam para as páginas matinais. Vários nomes da Literatura, como Castro Alves e Olavo Bilac foram ativos colaboradores de jornais.

No entanto, esse espaço para a Literatura atualmente não é tão grande quanto o foi no século XIX, por exemplo. Para Nina (2007, p. 19), a

“desliteraturalização do jornal é uma verdade inconteste”. Ou seja, a cada dia o jornal impresso se distancia da Literatura, minimizando o espaço ao poema (inexistente nos jornais da capital, por exemplo, como *Tribuna do Norte*, *Novo Jornal* e *Jornal de Hoje*), da crítica literária, rechaçada a notinhas de rodapé e ao ensaio literário, este último somente difundido em publicações específicas, como revistas literárias eletrônicas, revistas especializadas em Literatura e crítica literária e em publicações alternativas.

O jornal se tornou menos opinativo e mais informativo, gerando um empobrecimento do lugar na Literatura; [...] Não é mais como antigamente quando a Literatura fazia parte dos jornais, sendo o *pièce de résistance* de alguns veículos. A linguagem dos primórdios do jornalismo também foi bastante influenciada pela Literatura até ir se afastando dela, se definindo melhor e se diferenciando, passando a apresentar um estilo mais objetivo, mais conciso e mais claro. (TRAVANCAS *apud* NINA, 2000, p. 43)

Mesmo enfrentando, hoje, grande crise, no que concerne a sua importância para as páginas dos jornais, a Literatura, termo geral que designa, aqui, toda produção literária, em prosa ou verso, publicada nos periódicos, está longe de ser a mesma literatura rebuscada e ufanista do século XIX, mas também sofre de uma séria crise de identidade, nos tempos em que os indivíduos e suas ideias se fragmentam e se esfacelam, num mundo cada vez invadido por ideias e ideologias que vão e vem à mercê do gosto dos leitores ou dos modismos das revistas de resenhas literárias.

Nesse sentido, Barthes (1984, p. 118) declara que a “História diante do escritor é como o advento de uma opção necessária entre várias morais da linguagem; ela o obriga a significar a Literatura segundo possíveis que ele não domina”.

Assim, o filólogo francês adentra a um questionamento basilar, no que diz respeito à produção literária em questão: sabia José Martins de Vasconcelos que a história impregnada em seus versos correspondia a um sistema ideológico, a uma ideia dominante? Saberia ele distinguir os limites de sua produção e a ufanização de um acontecimento histórico? Estaria ele sendo utilizado, de maneira inocente, para reproduzir um discurso “libertador e

vanguardista” de uma cidade “libertadora e à frente de seu tempo”, chamada, até os dias de hoje, de “País de Mossoró”?

Barthes (1984) esclarece, frisando que em toda e qualquer forma literária, existe a escolha geral de um tom, de um *étos*, por assim dizer, e é precisamente nisso que o escritor se individualiza claramente porque é nisso que ele se engaja.

Seria esse engajamento consciente ou faria parte de um processo alheio à produção, de um processo natural da escritura?

A escritura continua cheia de lembranças de seus usos anteriores, porque a linguagem nunca é inocente: as palavras têm uma memória segunda que se prolonga misteriosamente em meio às significações novas. A escritura é precisamente esse compromisso entre uma liberdade e uma lembrança; é essa liberdade lembrante que só é liberdade no gesto da escolha, mas já não o é mais na sua duração. (BARTHES, 1984, p. 125)

Anjos (1956), citando André Maurois, salienta:

Em artigo publicado na Encyclopédie Française (volume XVI – Arts et Littératures dans la société contemporaine), escreve ele que uma das mais prementes necessidades do indivíduo, quando experimenta forte emoção, é fazê-la entrar num quadro social. Partindo dessa ideia, encontra para a arte utilidade imediata: o emolduramento do real. (ANJOS, 1956, p. 66)

Mas é em Jean-Paul Sartre que a inocência da linguagem ou da escritura, para retomarmos, assim, a ideia inicial de Barthes, ganha outros contornos – além das imagens românticas e da visão de que Literatura é apenas um meio lúdico ou um jogo – um divertimento em que se ganha ou se perde algo ou em que se exprime um sentimento.

Com Jean-Paul Sartre [...] de modo algum a arte se lhe afigura atividade desinteressada, contemplação de essências platônicas ou de arquétipos da beleza. Seu conceito de Literatura embebe-se na ideia do *engajement*, e se deixa dominar inteiramente por ela. (SARTRE *apud* ANJOS, 1956, p. 81)

Marx e Engels (1974) salientam, também, que a linguagem não carrega uma consciência alheia, dispersa.

A linguagem é tão velha como a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que, existindo para os outros homens, existe para mim próprio pela primeira vez e, tal como a consciência, a linguagem só aparece com a necessidade imprescindível do trato com os outros homens. (MARX e ENGELS, p. 20)

No mesmo ensaio, eles destacam, entre outros pontos, a questão suscitada por Sartre (*apud* ANJOS, 1956), mas com outra conjuntura, que não a do engajamento, mas a da história sempre ressuscitada em meio à linguagem “de empréstimo” dos homens.

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, nas condições escolhidas por eles, mas nas condições diretamente dadas e herdadas do passado. A tradição de todas as gerações mortas pesa muito no cérebro dos vivos. E mesmo quando parecem ocupados em se transformar eles próprios e em transformar as coisas, em criar o inédito, é, precisamente nessas épocas de crise revolucionária, que evocam receosamente os espíritos do passado, que lhes pedem emprestados os nomes, as palavras de ordem, os trajes, para surgirem no novo palco da história sob esse disfarce respeitável e com essa linguagem de empréstimo. (MARX e ENGELS, 1974, p. 66)

Já Aristóteles, em seu pequeno tratado *Da arte poética*, no entanto, vai além dessa visão do *engajement*; em verdade, penetra mais profundamente no sentido da construção do literário através da História, destacando:

Não constitui função do poeta descrever o que realmente aconteceu, mas que espécies de coisas podem acontecer, isto é, que coisas são suscetíveis de ocorrer por serem, nas circunstâncias, prováveis ou necessárias. A diferença entre o historiador e o poeta não reside no fato de um escrever em prosa e o outro em verso; a obra de Heródoto poderia ser versificada, e sua forma metrificada não seria menos histórica do que a forma não metrificada. A diferença é que um conta o que aconteceu, e o outro o que pode acontecer. Por esse motivo, a poesia é algo mais filosófico e mais digno de séria atenção do que a História, pois, ao passo que a poesia diz

respeito a verdades universais, a História trata de fatos particulares. (ARISTÓTELES, 1989, p. 25)

É nessa perspectiva histórica que buscamos analisar, de forma mais perene, a produção literária de José Martins de Vasconcelos, o que, no caso, se constitui não somente numa análise conceitual, mas também de conteúdo, especificamente, de conteúdo ideológico contido no poema, essa forma singular de se dizer aquilo que a prosa calaria.

## 1 OS POETAS NOS JORNAIS

### 1.1 A poesia no País de Mossoró

A poesia em Mossoró-RN, no seu sentido impresso, tem forte relação, também, com o jornalismo, uma vez que era nas páginas dos jornais que ganhava evidência, especialmente no primeiro jornal da cidade e o terceiro mais antigo do País, o jornal centenário O Mossoroense, ainda hoje em circulação, fundado por Jeremias da Rocha Nogueira, em 17 de outubro de 1872.

A publicação é o exemplo de periódico que se mantém com alguns parâmetros de seus primeiros exemplares, como a publicação de poesia.

Desde o seu número 4, o jornal trazia versos de alguns poetas, alguns com pseudônimos, um uso muito comum à época, quando os enamorados se utilizavam do espaço do jornal para dedicar poemas às amadas.

É nesse contexto de romantismo que o jornal abre, por sua vez, o espaço para a poesia. Os poetas, então, convergem para o jornal, dominado que era por outros setores da sociedade, como a advocacia, profissão muito em evidência à época ou o magistério, área para a qual afluíam, principalmente, aqueles que ficavam responsáveis pelos setores de crítica literária do jornal ou mesmo pela parte editorial.

Além disso, destaca-se, entre outras coisas, o fator *glamour* (o rádio ainda não existia), quando o assunto era escrever para jornal.

Pena (2008) frisa que

Pela classificação de Marcondes Filho, portanto, a influência da Literatura na imprensa está mais presente nos chamados primeiro e segundo jornalismo. Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais. E um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e Literatura. (PENA, 2008, p. 28)



O mesmo autor destaca, ainda, que no século XIX os jornais estavam muito próximos da Literatura.

Segundo ele, em primeiro lugar por causa da linguagem utilizada e, em segundo, pela enorme presença de escritores na imprensa, seja como editores, repórteres e cronistas, seja como autores dos folhetins, narrativas romanescas cujos capítulos eram publicados nos periódicos e atraíam um grande número de leitores.

A partir da virada do século, no entanto, essa presença começa a diminuir sensivelmente. Na década de 1950, com as transformações estilísticas e gráficas dos jornais, a mudança já está consolidada. A objetividade e a concisão substituem as belas narrativas. A preocupação com a novidade e os *fait divers* assume a função principal na pauta. A Literatura é apenas um suplemento. (PENA, 2008, p. 40)

A cidade, por sua vez, enfrentava a chegada da imprensa com entusiasmo, levando o jornal *O Mossoroense* a ser o principal veículo de comunicação da região, para onde convergiam os debates políticos, sociais, econômicos e literários da época, especialmente os que diziam respeito à política e ao futuro da cidade, além de trazer, em suas páginas, informes comerciais acerca de produtos que vinham de outros lugares e de serviços oferecidos em seu centro comercial.

Na efervescência deste novo momento, o município passa a ter ainda mais contato com a produção literária local e os poetas encontram, nas páginas do jornal, de certa forma, um porto seguro para se fazer publicar ou, ainda, para serem lidos por suas “amadas”.

A tradição literária de *O Mossoroense* não é em vão. Publicando poemas desde sua edição número 4, o jornal passou a ser um forte aliado dos autores, poetas e prosadores do município, que viam, ali, uma oportunidade de expressar o talento e de dar voz a sua lira.

Com o surgimento da folha, a cidade inicia, oficialmente, a sua história literária. Após o aparecimento d’*O Mossoroense*, outros jornais também começam a fazer parte do cenário literário e cultural da cidade.

Anos depois, o poeta Martins de Vasconcelos publicaria *O Nordeste*; depois d'*O Mossoroense*, um dos mais importantes periódicos do município. Era através das páginas do jornal de Jeremias da Rocha e de *O Nordeste* que parte da produção literária de poetas como Tibério Burlamaqui, Cícero Moura, Silveira Martins e Irineu de Albuquerque, entre outros, era publicada. Hoje, alguns destes poetas são nomes conhecidos de ruas e avenidas da cidade.

Esses nomes foram pesquisados por Rosado (1958, p. 16). Ela destaca que, durante a pesquisa que fez, especialmente nas edições do jornal *O Mossoroense*, sentiu o ápice da “nossa poesia” na data de 30 de setembro de 1883, quando se deparava com a campanha abolicionista proposta por Almino Álvares Afonso.

A autora cita, entre outros poetas, Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, que residiu em Mossoró durante mais de 20 anos, sendo um dos primeiros poetas abolicionistas da época.

É a lira de Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, é a fluência perene de seu verbo candente a estrugir vibrações de intenso ideal patriótico. Escreveu e publicou em 1889 *Últimas Quedas*, e em 1908 *Comas e Delírios*. Obra póstuma que recebeu o prefácio do doutor Felipe Guerra. (ROSADO, 1958, p. 17)

Em seu trabalho, Rosado (1958) apresenta um sucinto panorama da poesia mossoroense até, mais ou menos, metade do século XX, trazendo à tona nomes importantes, alguns esquecidos, que já fizeram parte do movimento literário inicial do município. Entre esses nomes merece, de acordo com ela, especial destaque os de Irineu de Albuquerque, o “primeiro filho de Mossoró a publicar ensaios poéticos”.

Passava para o papel as suas impressões delicadas e o seu estro aprimorado cantava suavemente numa doçura de sabiá nortista as impressões do artista sincero. Era seu pai, o grande pernambucano, a que ainda há pouco nos referimos, o dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque. (ROSADO, 1958, p. 18)

Rosado (1958) também relembra outros nomes durante o seu ensaio, um dos poucos que tratam, especificamente, sobre a arte poética na cidade.

Serapião Diniz, Alcides Filgueira de Souza, João Severiano, S. Correia de Araújo (este improvisou e declamou um poema à beira do túmulo de Padre João Urbano), Job Manhoso, escrevendo as suas Bucólicas, Silveira Martins, fazendo versos em Redenção (Ceará) e mandando publicá-los no O Mossoroense, Carolina Wanderley enviando de Assu as páginas mais belas de suas produções literárias, Tércio Rosado, nos seus Poemetos Realistas e Jerônimo Rosado Filho, sustentaram, por muito tempo, as colunas poéticas dos velhos jornais mossoroenses. (ROSADO, 1958, p. 18)

Destaca, ainda, outro importante caso de poeta que se iniciou através do jornal impresso: Cordélia Silva. Apesar do registro feito em seu trabalho, Rosado (1958) não se aprofunda no tópico de Cordélia Silva, deixando, assim, de certa forma, uma grande lacuna para conhecimento dessa poetisa que se realizou em jornal. Por outro lado, o trabalho de Rosado cita outros dois importantes escritores daquele período: José Martins de Vasconcelos e Tibério Burlamaqui.

O primeiro, foco do nosso trabalho, é evidenciado de maneira mais extensa, com, de certa forma, uma quase página inteira, do ensaio de Rosado (1958), mas ela, no entanto, paira sobre o lugar comum, ao falar da poesia de Martins de Vasconcelos, reproduzindo um simples depoimento dado pelo poeta Cosme Lemos e uma pequena citação de Vingt-un Rosado, acerca do poeta Martins de Vasconcelos. “Mossoroense do Apodi”, dizia ele (ROSADO, 1958, p. 19).

Rosado (1958), no entanto, é generosa ao tratar do segundo caso citado, o poeta Tibério Burlamaqui, um dos mais importantes escritores de jornal destes lados e que era, ao fim, seu avô.

Abre-se agora um parêntese e quem me dera não fosse preciso fechá-lo, pela exiguidade do tempo, na perspectiva de uma saudade que se desdobra à proporção que se realiza uma integração e uma afinidade imensa, entre quem escreve estas linhas e um personagem que lhe é familiar, embora não o tenha conhecido. Ensinaram-me a chamá-lo de “vôzinho” e, em minhas mãos, quando criança, puseram-me os seus versos.

Decorei-os e os fiz meus conhecidos. Era, como diriam os políticos, um forasteiro do Piauí, mas eu o proclamo, um mossoroense de Terezina. Um escritor conterrâneo, referindo-se aos aspectos culturais da província, teve expressões muito felizes com o nosso personagem. (ROSADO, 1958, p. 20)

Para a autora, foi nas páginas do jornal *O Mossoroense* que muitos poetas daquele período se realizaram, no dito comum, publicando e fazendo seus versos conhecidos de toda a comunidade, de sorte que o jornal era uma trincheira em favor da Literatura e, também, um palco para os atores literários, aqueles que escreviam, mesmo distantes, para as páginas do jornal.

Com a “dominação” dos escritores nas redações dos jornais impressos, como lembra Pena (2008), escrever para periódicos, naquele período, representava, de certa forma, uma maneira de estar mais próximo dos leitores, com a publicação de textos e maior interação com o público.

Por sua vez, os jornais receberam essa nova demanda de poetas e escritores, que enfeixavam suas páginas com literatura, especialmente críticas literárias, lançamentos e poesias.

Foi, também, nesse contexto que surgiu, em 1916, o jornal *O Nordeste*, periódico lançado pelo jornalista e poeta Martins de Vasconcelos e que tinha, entre seus objetivos, o de divulgar os assuntos locais, além de evidenciar a Literatura e os autores do Estado, numa proposta diferente para a época, concorrendo com o mais antigo jornal da cidade.

As páginas de *O Nordeste* se tornaram reduto para escritores e artistas em geral, para notícias de cunho nacional, para intervenções editoriais do próprio Martins de Vasconcelos, o editor, o repórter, o tipógrafo, pois que, no exercício da profissão de jornalista, executou quase todos os cargos possíveis dentro do seu próprio jornal.

(...) Poderíamos proclamar que em nossa província ninguém o excedeu em títulos, nas diversas manifestações da arte. Ele foi, em toda a sua vida de combatente, um verdadeiro caçador de emoções e um autêntico adorador da beleza. Como poeta, músico, contista, jornalista, compositor, tipógrafo e mais duas ou três profissões, esse inquieto espírito de curiosidade sertaneja, foi, durante setenta anos, esbanjador de vida a serviço da arte e em cada página de sua obra “fulgura a divina

energia da alma”, na luminosa expressão de Will Durant. (NONATO, 1974, p. 5)

Rosado (*Apud* NONATO, 1974) lembra que foi Martins de Vasconcelos o primeiro a publicar algo de sua autoria, como fazia, à época, com os jovens autores da cidade.

Conheci-o na sua trincheira do *O Nordeste*, simples, bom, acolhedor, sempre estimulando os jovens. Recordo-me, ainda, nos distantes dias de 1930, quando ainda fazia eu o curso primário, do acolhimento generoso que deu a uma meia-dúzia de linhas, nas quais queria exprimir o meu julgamento sobre João Pessoa. Era o meu primeiro artigo para a imprensa, em um português de curso primário, que Vasconcelos publicou em um número de agosto de 1930, seguindo-o de um ligeiro comentário. (ROSADO *apud* NONATO, 1974, p. 72)

Rosado (1974 *apud* NONATO, 1974, p. 72) é incisivo ao dizer que uma velha constante da história de Mossoró é esta: homens de procedência mais diversa, brasileiros do Ceará, Pernambuco, da Paraíba, cidadãos de outros mundos, suíços, portugueses, norte-rio-grandenses de outros municípios. Esses chamados “estrangeiros” aqui se congregaram, aqui construíram, em comum, fraternalmente, com os “mossoroenses de duzentos anos”, o passado da terra de Santa Luzia do Mossoró.

Ele salienta, ainda, que, entre outras facetas, pode-se destacar Martins de Vasconcelos como um homem a serviço da causa cultural, seja na trincheira de seu jornal, onde acolhia os jovens autores ou mesmo na divulgação dos poemas em outras revistas, para as quais colaborava, à época, sendo um dos mais ativos na fundação de periódicos, o que mais adiante detalharemos.

No entanto, entre as observações feitas por Rosado (1974, p.73) está a de uma homenagem que Mossoró ainda devia, naquele período, à memória de José Martins de Vasconcelos, coisa que foi feita, tempos depois, quando a travessa que hoje está localizada entre a agência dos Correios do Centro e o Teatro Estadual Lauro Monte Filho, levou seu nome. Anteriormente, era conhecida como Beco da Imprensa, devido ser a esquina do jornal *O Nordeste* (hoje uma agência bancária) e uma livraria, tempos depois, de mesmo nome. A livraria e o jornal foram extintos, não sobrando quaisquer resquícios da

presença de Martins de Vasconcelos no lugar, exceto a placa que diz, de forma melancólica, sem qualquer dado sobre o autor: Travessa Martins de Vasconcelos.

Recentemente, coletivos literários e artísticos da cidade (entre eles o Coletivo PegoBeco) se utilizam do Beco da Imprensa (alguns o batizaram, nesses tempos, de Beco das Artes), para apresentações culturais diversas, com músicas, recitais, exposições literárias e artísticas, além de intervenções urbanas, mudando o aspecto do beco para um lugar, realmente, ligado à arte, o que faz jus e com muito valor ao nome recebido em sua origem: da Imprensa e, posteriormente, Martins de Vasconcelos, um homem nascido, sobretudo, dos movimentos artísticos e literários de seu tempo.

### **1.2A poesia nos jornais de hoje**

Com a continuidade de publicação de poesias, o jornal *O Mossoroense* se transformou, mesmo antes d'*O Nordeste*, de Martins de Vasconcelos, como vimos, em um reduto para os novos poetas e todos aqueles que queriam ver seus versos publicados nas páginas do centenário.

Como uma das poucas formas de publicação gratuita, o jornal disponibilizou, e ainda disponibiliza, até os dias de hoje, uma página para publicação de poemas, sempre aos domingos, no caderno intitulado de Universo, anteriormente nominado de Caderno 2 ou segundo caderno.

Essa continuidade em publicar novos autores, rendeu ao jornal o apelido de “escola de poetas” ou “escola de jornalismo”, por parte de muitos dos que passaram por sua redação.

Na década de 90, sob o comando dos jornalistas Cid Augusto, Emerson Linhares e Stéfano Reginaldo, o Caderno 2 recebeu, nesse período, grande número de novos colaboradores, renovando a “plêiade literária” aos domingos e possibilitando o surgimento de outros autores, no cenário literário da cidade.

Sobre os cadernos diários de cultura (ou semanais) é preciso atentar, no entanto, para o que nos diz Piza (2008), reforçando que as publicações estão cada vez mais superficiais.

Piza (2008) salienta que os cadernos atuais tendem a supervalorizar as celebridades, que são entrevistadas de forma que até elas consideram banal (“Como começou sua carreira?” etc.). Além disso, também procuram restringir a opinião fundamentada (críticas são postas em miniboxes nos cantos da página); a destacar o colunismo (praticado cada vez menos por jornalistas de carreira); e a reservar o maior espaço para as “reportagens”. Essas, na verdade, são apresentações de eventos (em que se abrem aspas para o artista ao longo de todo o texto, sem muita diferença em relação ao press-release).

Os assuntos preferidos, por extensão, são o cinema americano, a TV brasileira e a música pop, que dominam as tabelas de consumo cultural. Os cadernos semanais, por sua vez, quando não cedem para o estilo jornalístico dos cadernos diários, esquecendo que sua função seletiva deve ser exercida com mais fundamentação ainda, estão presos ao esquema das resenhas encomendadas a professores universitários, que não raro pecam pela escrita burocrática e lenta, com excesso de jargões e falta de clareza. (PIZA, 2008, p. 53)

Aos domingos, no Universo, estilos variados podem ser percebidos na página que abriga a poesia, do poeta romântico ao fatalista, do poeta que louva sua musa ao que reflete sobre um fato cotidiano.

Caminho da pluralidade, a página dois do caderno Universo vem recebendo colaborações de diversos autores, desde a sua remodelação, o que aconteceu nos idos dos anos 2000, quando o poeta e escritor Marcos Ferreira esteve à frente da publicação, arregimento mais novos nomes de poetas para a página e abrindo um generoso espaço para a Literatura, proposta que se mantém até os dias atuais, sob nova editoria, desta vez composta pelo jornalista Maricélio Almeida, atual editor do caderno Universo.

Publicado apenas aos domingos, o encarte traz, além de poemas, ensaios, críticas, entrevista, dicas gramaticais, coluna de tecnologia e reportagens sobre temas que versam, exclusivamente, acerca dos movimentos culturais e das manifestações artísticas na cidade e no Estado.

Entre os jornais locais, apenas dois, atualmente, como dissemos no decorrer deste trabalho, publicam poesias, fato curioso, uma vez que, até recentemente, a cidade possuía quatro publicações diárias, restando, agora,

três em circulação, devido ao fechamento do jornal *Correio da Tarde* (O *Mossoroense*, *Gazeta do Oeste* e *Jornal de Fato*).

Dos três, somente o *Jornal de Fato*, de propriedade do jornalista César Santos, não publica poemas, fato que poderia suscitar, noutra oportunidade, especial pesquisa, principalmente levando em consideração que a publicação em questão concorre com os dois periódicos citados acima, sendo, assim, uma forma de também estar “ao nível da concorrência”, dando o mesmo ou até maior espaço aos poetas e escritores.

A fim de reunir parte dos nomes da poesia local, no ano de 2000, a Coleção Mossoroense, numa proposta inovadora, resolveu publicar a primeira antologia literária, com poetas de várias vertentes e épocas, sob o sugestivo título de 100 Poetas de Mossoró. A obra, coordenada pelo editor Caio César Muniz, presidente da Poetas e Prosadores de Mossoró (POEMA), está com tiragem esgotada.

Este foi, como se sabe, o primeiro exercício literário que visava reunir, em um só volume, as vozes antigas e atuais da poesia feita na cidade.

Muniz (2000) destaca que este trabalho, apesar de volumoso, não é definitivo. No entanto, ele salienta que a literatura mossoroense não podia mais esperar, pois há muito tempo merecia esse resgate histórico sobre os seus poetas. “O historiador Raimundo Soares de Brito e o poeta Crispiniano Neto já haviam estudado a ideia”, segundo Muniz (2000), e “deles colheram-se informações valiosas e importantes para o enriquecimento da antologia”.

Trata-se de um livro construído a muitas mãos, onde procuramos encontrar os poetas mossoroenses ao longo da trajetória cultural da cidade, até os dias atuais, trajetória essa riquíssima no gênero, e que agora se perpetua por meio deste registro para as futuras gerações. Haverá quem se pergunte por outros nomes, outros poetas. Digo, então: não nos foi possível encontrar a todos. São muitos os poetas de Mossoró, muito mais do que estes cem que se fizeram mais próximos da nossa humilde pesquisa e de nossa falível memória humana. (MUNIZ, 2000, p. 3)

Muniz ainda salienta que as pesquisas percorreram os arquivos da Coleção Mossoroense e do pesquisador Raimundo Soares de Brito, salientando que o trabalho em questão deveria ter “continuidade”.



Cabe, agora, uma continuidade, uma complementação ao que escapou aos nossos conhecimentos, ligando ainda mais os poetas e a poesia de ontem aos que hoje ainda insistem em carregar esse fardo, tantas vezes injusto, mas que proporciona o prazer inexplicável de achar-se recompensado por dar à luz um novo verso. (MUNIZ, 2000, p. 4)

Sobre os novos nomes da poesia no Estado (no caso específico de Mossoró), um estudo do crítico Tarcísio Gurgel (2003) evidencia essa perspectiva de valores que surgem na cidade:

Vários outros poetas começam agora a firmar seus nomes no panorama da atual literatura potiguar: Adriano de Sousa, com uma poesia marcada por uma fina ironia e um sarcasmo explícito; Eli Celso, de humor perturbador, calcado em sólida formação filosófica; Benito Barros, com uma poesia de rara beleza, com a deliberada intenção de chocar a sociedade convencional; e mais: Gustavo Luz, Cid Augusto, Aluísio Barros, Marcos Ferreira, Demétrio Vieira Diniz, Márcio de Lima Dantas, Valdenides Cabral de Araújo, Lívio Oliveira, Carlos de Souza, Leontino Filho, Lisbeth Lima de Oliveira, Mário Gerson, poetas e poetisas, uns já merecidamente reconhecidos, outros dos quais certamente se ocuparão os críticos e historiadores no futuro, levando adiante a tradição lírica potiguar. (GURGEL, 2003, p. 35)

Um caso, no entanto, especial, apontado por Gurgel (2003), diz respeito à poesia popular elaborada pelo poeta Antonio Francisco, iniciado no mundo literário depois dos 50 anos, sendo um raro exemplo de poeta que se descobriu na idade da razão.

Mesmo sem ter sido, propriamente, descoberto nas páginas dos jornais, Antonio Francisco teve alguns de seus poemas publicados em periódicos da cidade.

Um registro especial deve ser feito quanto a outro poeta mossoroense que, embora tendo formação acadêmica, produz hoje aquela que será a poesia mais significativa, no que se refere à lírica popular. Isto não é pouco, no Estado que, começando com Fabião das Queimadas, já deu Ercílio Pinheiro, Elizeu Ventania, Severino Ferreira, Antônio Sobrinho, Luiz Campos, Moysés Sesyon e Renato Caldas, Crispiniano

Neto, Chico Traíra. E conta com os belos versos produzidos por um Sebastião da Silva ou um José Lucas. Esse poeta impressionante chama-se Antonio Francisco. Embora demorando-se a ter seus trabalhos impressos (poemas especialmente compostos para publicação em cordel), acabou por reuni-los num interessante volume publicado pela Coleção Mossoroense, com o título de Dez Cordéis num Cordel Só. (GURGEL, 2003, p. 35)

Vale frisar que, além do jornal *O Mossoroense*, a *Gazeta do Oeste*, aos domingos, no caderno Expressão, encartado na publicação, também divulga poemas de novos poetas, tendo, inclusive, metade da página 6 dedicada à temática poética.

Os poemas publicados no jornal são divulgados no blog do Movimento Literário Novos Poetas (<http://movimentonovospoetas.blogspot.com/>), movimento este surgido em março de 2011, através de uma reportagem veiculada no mesmo caderno.

## 2 MARTINS DE VASCONCELOS, POETA E JORNALISTA

José Martins de Vasconcelos nasceu a 11 de novembro de 1874, no município de Apodi/RN e faleceu em Mossoró-RN, em 22 de dezembro de 1947. Era considerado um entusiasta da Literatura e do Jornalismo.

Em 1915 fundou o seu primeiro jornal em Mossoró, intitulado *A Crise*. Mas, em 15 de novembro de 1916 ele daria um salto além de seu tempo com a criação do periódico *O Nordeste*, que circularia até o dia 8 de fevereiro de 1934.

Com *O Nordeste*, Martins de Vasconcelos fez carreira como jornalista. Mas nada começou assim, do zero. O historiador Geraldo Maia, no artigo *Martins de Vasconcelos*, publicado no jornal cultural *Clandestino*, em janeiro de 2004, relata que

Aos 11 anos de idade, Martins de Vasconcelos muda-se para Mossoró a fim de tentar a vida. Aqui chegando, fez de tudo: moleque de recados, vendedor de jornais (numa primeira, depois incurável convivência com o móvel do seu interesse maior). Tinha um objetivo na vida: sabia que o destino de quem não sabia ler era ser vendedor, de tabuleiro na cabeça. Isso o aterrorizava. E foi esse medo que o fez adquirir uma gramática e um dicionário, na esperança de desvendar o mistério do abecedário. (MAIA, 2004, p. 7)

Para Cosme Lemos, poeta contemporâneo de Martins de Vasconcelos, ele era um homem que viveu o idealismo das letras e que não passou, por sua vez, por escola alguma de formação, nem curso semelhante, chegando por seus estudos a adquirir uma cultura sólida, consistente e variada.

Ele aponta, também, que Martins de Vasconcelos desenvolveu intenso trabalho intelectual, publicando livros, escrevendo versos, mantendo jornais e promovendo trabalhos de pesquisas que lhe deram lugar certo no movimento literário do Rio Grande do Norte e de outros Estados do Brasil (1974).

Cosme Lemos salienta que a arte foi, em sua vida emocional, a sua verdadeira paixão.

José Martins de Vasconcelos foi um extraordinário complexo sentimental. Temperamental e vibrante, homem de sensibilidade orgânica à superfície, não podia fugir às influências do expressionismo, dos seus mais acentuados traços e coloridos vertentes. Na sua arte, deixou-se fixar no conceito da escola tradicional dos metrificadores. Ao seu tempo, foi poeta excepcional da grande escola da geração dos estilistas do alexandrino, sobressaindo, porém, em toda sua obra, a revelação contemplativa das harmonias e da forma, que preservou com o acabamento da estatuária modeladora de civilizações. (LEMOS, 1974, p. 42)

Antes, no entanto, de ser o poeta reconhecido em terra estrangeira – Mossoró – e lembrado, algumas vezes, em sua terra natal, Apodi, Martins de Vasconcelos, como atesta Wanderley (1974), exerceu diversas profissões: foi vendedor de jornais, alfaiate, músico e, depois, ingressou no Jornalismo. Instalou sua própria tipografia num velho prédio pequeno, que ainda existe e fundou jornais.

Entre as publicações que fundou, destaca-se o primeiro jornal de sua carreira, *A Crise*, seguido de tantos outros, mas foi com a publicação de *O Nordeste* (10 de outubro de 1916, ao qual ele denominava de Órgão de Propaganda dos Interesses Gerais), que Martins de Vasconcelos começou a sua intervenção, propriamente dita, na vida social e cultural da cidade, sendo, inclusive, crítico da administração do engenheiro Brito Amorim, na construção do açude do Saco, em Mossoró.

O Nordeste era bimensal e circulou de 1916 a 1934 e, de acordo com Wanderley (1974, p. 6) era a vida de Martins de Vasconcelos, uma longa caminhada de 18 anos, “numa linha de coerência admirável”.

Wanderley (1974) reforça que o jornal tinha sua redação e impressão na própria Papelaria e Tipografia *O Nordeste*, onde foram editados outros jornais e revistas mossoroenses. Entre eles, as próprias obras de José Martins de Vasconcelos, que publicou os seguintes livros: *Saltério da Saudade* (poesias, 1904), *Renovos D’alma* (poesias, 1905), *O Sultão* (poesias, 1906), *Histórias do Sertão* (contos, 1906-1915) e *Goivos* (poesias).

Vasconcelos também teve atuação destacada em jornais e revistas, e também na cátedra como diretor e professor do Grupo Escolar 30 de Setembro, na tribuna do júri, orador nas datas cívicas, nas entidades de classe

e de cultura. Foi sócio-fundador de todas as sociedades culturais da terra, ocupando sempre lugar de destaque.

Fundou, juntamente com outros escritores, os jornais *A Ideia*, *A União*, *O Mensageiro*, *A Escola*, *A Vanguarda* e colaborou em *O Comércio de Mossoró*, jornal de João Carlos Wanderley e que tinha como diretor Bento Praxedes.

Colaborou, ainda, com brilhantismo nas diversas fases do velho órgão centenário, *O Mossoroense*. Na trincheira de seu jornal, *O Nordeste*, foi uma pena combativa, vigorosa, dizendo às claras aquilo que sentia, sem temer a ninguém. (WANDERLEY, 1974, p. 6)

Martins de Vasconcelos também exerceu o cargo de Promotor Público de Mossoró (interinamente), como aponta Wanderley (1974), bem como de Secretário da Intendência e, de 1932 a 1933, da Prefeitura Municipal, na gestão do industrial Raimundo Jovino de Oliveira, seu correligionário político. Ainda exerceu as funções de agente fiscal do Imposto de Consumo e a de adjunto de Procurador da República, de 1905 a 1920.

Atuante em diversas áreas das artes, Vasconcelos fez teatro e musicou e escreveu, em parceria com o Dr. Eliseu Viana, a revista de costumes locais *Mossoró por Dentro*, levada à cena em 1916, na qual tomaram parte quase todos os alunos do Grupo Escolar 30 de Setembro, moças e rapazes do Grupo de Escoteiros. Ele ainda fez parte do Grêmio Dramático e teve o seu nome registrado, segundo Wanderley (1974, p. 7) no livro de Ezequiel Wanderley, publicado em 1922, *Poetas do Rio Grande do Norte*, onde figura com o soneto Soror Celeste e na obra *Panorama da Poesia Norte-rio-grandense*, de Rômulo Wanderley, de 1965, com o poema Anseios. É citado, também, em *Poetas do Norte e Nordeste do Brasil*, de Oswaldo de Souza, e *O Teatro no Brasil*, de J. Galante de Souza.

Alguns anos depois de sua morte, a família mandou publicar suas Obras Completas (1956), onde estão condensados todos os seus livros publicados. A edição faz parte da Coleção Mossoroense, em parceria com a editora Pongetti, do Rio de Janeiro. É o volume IV da referida Coleção, com catalogação da Biblioteca Municipal de Mossoró, hoje Biblioteca Ney Pontes Duarte.

Mas o trabalho de Martins de Vasconcelos não fica apenas reduzido aos seus livros. São muitos os artigos de sua autoria nos jornais – especialmente *n'O Mossoroense e O Nordeste*.

Fernandes (*apud* NONATO, 1974, p. 24) lembra que, ao rebuscar os velhos jornais em que o poeta de Apodi pontificou sua pena, é possível encontrar uma centena de textos com a sua “chancela”, e outros que tratavam de problemas cruciais reclamados pela terra mossoroense, pelo seu progresso, pela Zona Oeste, como o porto de Areia Branca, o início dos trabalhos da Estrada de Ferro, já estudados e tão procrastinados, a defesa dos flagelados diante das secas climáticas, os desmandos administrativos, enfim, um rosário de problemas vitais que a cidade reclamava, porque essenciais ao seu progresso e desenvolvimento e, principalmente, o combate à administração Brito Amorim, da I.F.O.C.S.

Os seus discursos nas datas cívicas de Mossoró, nas entidades literárias e sociais são páginas de antologia, que deixavam muita gente perplexa ao meditar onde Martins de Vasconcelos, autodidata, fora buscar tanto conhecimento para expor as coisas com aquela força de linguagem. Os mais respeitáveis homens de letras, os doutores, os sacerdotes lhe rendiam homenagens, pois os seus conhecimentos eram gerais e ele os manejava com a agilidade e a força de um espadachim dos mais adestrados, versáteis e experimentados. Um homem extraordinário, esse Martins de Vasconcelos. (p. 24, *op. cit.*)

Autodidata, como lembra, também, Nonato (1974, p. 34), Martins de Vasconcelos teve uma “história de vida” constituída de “uma autêntica vitória do esforço e da vontade, projetados numa época eminentemente utilitária, e em que não se havia ainda afirmado a valorização do homem do povo”.

Vindo da cidade do Apodi, menino pobre e ainda com um longo caminho a percorrer, Vasconcelos é lembrado por Nonato (1974, p. 34), como “uma mentalidade curiosa” do “idealista das letras”.

De princípio, tudo levava a pensar que só atingiu aquele nível de conhecimento, que tanto o elevou ao espaço social, lutando sem desânimo, com deliberação e confiança, de modo a poder continuar na tentativa esboçada, embora, com vagas possibilidades de chegar ao término da tarefa, pois via as dificuldades que teria de suportar, contando só com as suas próprias energias. (NONATO, 1974, p. 35)

Nonato (1974, p. 35) também destaca que “longe do preconceito da genialidade”, Vasconcelos foi “a mais autêntica das afirmações da valorização do talento e da dignidade do trabalho que um homem pode sugerir”.

Ele, só por seu esforço, criou a mentalidade mais curiosa desse idealista das letras que não passou por escola de formação, nem curso semelhante, chegando por seus estudos a adquirir uma cultura sólida, consistente e variada, que lhe deu ensejo para desenvolver intenso trabalho intelectual, publicando livros, escrevendo versos, mantendo jornais e promovendo trabalhos de pesquisas que lhe deram lugar certo no movimento literário do Rio Grande do Norte e de outros Estados do Brasil. (NONATO, 1974, p.35)

Nesse sentido, sobressai-se o jornalista, considerado um homem de convicções inabaláveis.

Nonato (1974) lembra que Martins de Vasconcelos era uma espécie de

Homem forte, de convicções inabaláveis, leal às amizades e sereno nos julgamentos, suas atividades jornalísticas foram sempre dedicadas, corajosamente, à defesa daqueles grandes princípios com que as instituições consagravam a soberania do Direito. (NONATO, 1974, p. 44).

Ele frisa, também, a chamada inviolabilidade das liberdades humanas e as supremas deliberações da Justiça.

Segundo o mesmo autor, o jornal de Vasconcelos foi, por isso, “uma trincheira do bom combate, sempre pronto para condenar as atitudes que não fossem as do equilíbrio e do bom senso, da moralização das instituições”.

Nesse aspecto, podemos perceber a ligação do autor com a chamada “defesa intransigente das normas administrativas e salvaguarda do patrimônio público”, ao lado de outros nomes do município.

Nas atividades culturais desta cidade, numa observação que se estende por toda primeira metade deste século, à margem de qualquer outro julgamento que se possa sugerir, quatro homens, cujos nomes se fixaram nos meridianos do tempo e que respondem pelo chamamento de João Escóssia, com *O Mossoroense*, Bento Praxedes, com *O Comércio de Mossoró*, Martins de Vasconcelos, com *O Nordeste* e José Otávio com *O Correio do Povo*, polarizaram as atividades da imprensa em Mossoró. (NONATO, 1974, p. 44)

Cascudo (*apud* NONATO, 1974, p. 67) vai mais além na figura do jornalista Martins de Vasconcelos, frisando, entre outras qualidades, sua veia poética e prosaica, com a publicação, em 1905, do conto *Labatut*, texto que foi incluído no seu trabalho *Geografia dos Mitos Brasileiros*.

O folclorista destaca que, quando estudou o “ciclo dos monstros”, retirou do *Histórias dos Sertão* o documentário de um deles, “o raro e horrendo *Labatut*” e não deixava de procurar o seu autor, quando visitava a cidade, para “ouvi-lo conversar, na redação do *O Nordeste* que durou tantos anos”.

José de Vasconcelos, na sua tipografia, parecia um pesquisador num laboratório. Imprimia versos populares, espalhando pelo sertão os folhetos registradores da vida provinciana, da gesta heroica dos cangaceiros, dos desafios tempestuosos, guardando a vida da nossa literatura tradicional e popularesca. Vez por outra recebia eu uma boa remessa desses folhetos. Assim viveu sempre entre livros, aspirando cheiro de tinta de imprensa, sonhando jornais, sociedades literárias, reuniões, todas as alegrias, tão raras, do convívio intelectual. Sobre o túmulo humilde do jornalista sertanejo, sem títulos universitários, poderíamos escrever o mesmo epitáfio de Oliveira Lima, no cemitério Mount Olivet: - Aqui jaz um amigo dos livros... (CASCUDO *apud* NONATO, 1974, p. 68)

Como podemos notar, não apenas de poesia vivia José Martins de Vasconcelos, em sua gráfica, onde se imprimiam poetas e antigos poetas. Cascudo aponta que, num “plano superior de pensamento”, Vasconcelos foi “a figura sugestiva do autodidata sertanejo, ligado à terra como caramujo a sua concha, gravitando ao redor de interesses pobres, num raio melancólico da ação”.



Mas foi no parnasianismo que o poeta Martins de Vasconcelos mais se destacou, sendo, nessa escola literária, um praticante, como atesta o crítico literário Sebastião Fernandes, destacando que a sua poesia – desse período – é um “suave perpassar de lirismo sadio e novo com toda a sua gama de notas cristalinas e ternas” (1974, p. 42).

Porém, Martins de Vasconcelos não foi apenas, como muitos pensam, poeta. Sua obra está, também, reconhecida no campo da prosa, sendo ele um dos primeiros autores do Estado a publicar contos, seja nas páginas de seu jornal, *O Nordeste*, ou mesmo em livros, como aconteceu com a publicação de seu primeiro livro de contos, intitulado *Histórias do Sertão* (1906), onde tenta sintetizar, nos textos em prosa, um estudo de certos aspectos da sociologia, do folclore e da pesquisa regional.

Martins de Vasconcelos também se destacou no cenário cultural do município juntamente com escritores como Raul Caldas, Vicente de Almeida, Eufrásio de Oliveira, Eliseu Viana, Dario de Andrade, Mário Negócio, Américo de Oliveira Costa, Milton Pedrosa, Manuel João, Amâncio Leite, Manuel Assis, Raimundo Nonato, entre outros.

Para Maia, em artigo publicado no site do jornal *O Mossoroense*, a redação do periódico era, de certa forma, uma espécie de tenda de trabalho, a sua cachaça, o vício de sua vida, “como declarou o escritor Raimundo Nonato, que, como amigo, o tratava de Zé do Nordeste. Manteve-se sempre atento às dificuldades enfrentadas pelo município e se notabilizou, entre outras coisas, pela defesa do meio ambiente, pelo estímulo à atividade cultural”, além do carinho que dedicava “às figuras que davam relevo à cultura mossoroense e sua história”.

Como autodidata, aponta o pesquisador, Vasconcelos era devorador de livros. E toda sua atividade jornalística se marca pela produção de textos de impressionante qualidade. “Colaborou com todos os jornais da terra, até mesmo em jornais literários e estudantis, feitos de forma manuscrita”.

Atuante em seu tempo, principalmente na área jornalística e literária, exerceu o mecenato, ao publicar, em seu jornal, jovens autores, grande parte, hoje, nomes reconhecidos na cidade, como o do editor Vingt-un Rosado, além

de ter trabalhado ao lado de outras figuras proeminentes no cenário político e social do município, como Bento Praxedes.

Deixando importante legado literário, especialmente de poesia, sua obra continua, ainda hoje, viva na memória daqueles que se dedicam ao estudo dos poetas que viveram no Estado, na transição do século XIX para o século XX, além de permanecer como um importante estudioso dos fatores folclóricos do sertão, especialmente aspectos lendários, o que pode ser constatado na leitura de seus contos.

Com poucas homenagens, Martins de Vasconcelos é, ainda hoje, um nome a ser descoberto pelas gerações de escritores, poetas e pesquisadores locais, em especial aqueles que se dedicam à pesquisa do jornalismo de província e da poesia norte-rio-grandense.

### 3 MOSSORÓ, 30 DE SETEMBRO

#### 3.1 Um poema ufanista: entre verdades e mitos

Entre as obras poéticas de José Martins de Vasconcelos, podemos destacar o poema *Mossoró, 30 de setembro*, poema este que figura entre os mais conhecidos e que versa sobre o tema da libertação dos escravos no município de Mossoró, Rio Grande do Norte.

É nesse sentido, pois, que entramos, agora, no poema de José Martins de Vasconcelos, intitulado *Mossoró, 30 de setembro*. É este poeta um exemplo clássico de escritor a serviço do louvor de um acontecimento histórico, como tem ocorrido, durante anos, com vários outros poetas que emprestaram suas líras para a manutenção de discursos ditos “oficiais”, especialmente daqueles que reproduzem esse discurso, seja através do cordel (atualmente uma das principais manifestações literárias da cidade) ou mesmo de versos e quadras, instituindo, assim, uma espécie de “reino dos temas”, quando o assunto é “produção poética”.

Na obra de Martins de Vasconcelos, especialmente os poemas de sua segunda fase, distante do parnasianismo comum dos seus primeiros versos, publicados em *Saltério da Saudade* (1906), temos um poeta engajado no civismo (tema muito em evidência à época) e nos valores sociais de seu tempo, demonstrando, assim, que aquele “orador do 30 de setembro” estava, mesmo, a serviço da história oficial, pronto para reproduzi-la e cantá-la em seus versos, tais como os que compõem o poema *Mossoró, 30 de setembro*.

Seus poemas, principalmente os chamados “poemas da primeira fase”, em que ele trabalha a forma do soneto, evidenciam um poeta preocupado com a métrica e as regras básicas da poesia, realçando uma escritura baseada num romantismo já superado ou eivada de parnasianismo, o que era comum à época, como podemos notar nos seus primeiros livros.

É, no entanto, nos poemas da chamada “segunda fase” que o poeta se compromete com os fatos históricos da cidade como, por exemplo, o 30 de setembro de 1883, data em que se comemora a “libertação dos escravos no município”.

Este poema mostra, de forma mais evidente, a ligação do poeta com os fatos históricos oficiais, chegando a ser – de certa maneira – uma escritura ufanista, carregada de símbolos e mitologias.

Nas primeiras estrofes de seu poema, Martins de Vasconcelos conclama que se “desfraldem os estandartes do civismo”, reforçando a ideia de conclamação da comunidade em torno do tema dos seus versos:

Desfraldem-se os estandartes  
Das falanges do civismo,  
Retumbem, com altruísmo,  
Os epinícios da paz:  
E brade, altivo, de pé,  
Desde a montanha à cidade,  
O gênio da liberdade;  
– Viva um povo que se faz!

A ideia de “povo que se faz” está presente, até hoje, no espírito coletivo da cidade, através de seus historiadores e mesmo de suas instituições culturais, que passam, sempre que possível, a noção de uma cidade “à frente de seu tempo”, “libertadora”, “vanguardista” e “progressista”, como forma de manutenção de um discurso outrora evidenciado, através da libertação de seus cativos, ocorrida em 30 de setembro de 1883, trazendo, para o seu entorno, ideias míticas e propagando, por sua vez, “verdades” que são pouco contestadas, principalmente por parte das instituições culturais e seus membros.

Vale salientar, nesse sentido, que o discurso oficial do chamado 30 de Setembro tem data no calendário da cidade e foi instituído em 30 de setembro de 1913, o que se configura, nesse aspecto, em um importante documento para comprovação de que a cidade já tinha o fato histórico como um discurso a ser propagado pelas futuras gerações.

A própria libertação dos escravos no município contou, de acordo com Maia, com a alforria, apenas, de 86 escravos, não sendo Mossoró, também, a primeira cidade a libertar os seus cativos, como tem sido propagado, erroneamente, durante alguns anos, mesmo através de seus poetas ou pesquisadores e instituições literárias, que publicam e deixam se publicar, através da Coleção Mossoroense e editoras afins.

Cascudo (1955, p. 121) corrobora com a informação, destacando que “nunca o Rio Grande do Norte possuiu vasta escravaria. Explica-se. Nunca possuiu o ciclo de açúcar em nível que justificasse o motor negro em presença notável”.

Nesse sentido, vale salientar que a libertação dos escravos na cidade aconteceu pouco tempo depois do município de Acarape, no Ceará.

Em 30 de setembro, Mossoró comemora a mais cívica de suas festas: a libertação de seus escravos em 1883, fato ocorrido cinco anos antes da famosa Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888, a cognominada Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, que acabava definitivamente com a escravidão no Brasil. Não foi a primeira cidade brasileira a libertar seus escravos, como muitos apregoam; esse mérito coube a Acarape, no vizinho Estado do Ceará, que libertou os seus escravos no dia 1º de janeiro de 1883. Na realidade, Mossoró foi a sexta cidade a acabar de vez com a mancha negra da escravidão, já que antes de 30 de setembro, cinco outras cidades cearenses já os tinham libertados, como segue: Icó, em 25 de março de 1883; Baturité, em 25 de março de 1883; Maranguape, em 20 de maio de 1883; Fortaleza, em 24 de maio de 1883 e Viçosa, em 29 de setembro de 1883.

Acarape, já mencionada, ainda era vila, pois não tinha sido elevada à categoria de cidade. Mossoró, no entanto, “é a única cidade em todo o Brasil onde a abolição é comemorada com as homenagens da gratidão e do orgulho mental”, segundo as palavras do historiador Luís da Câmara Cascudo. (O MOSSOROENSE, 2013, p. 4)

O pesquisador complementa, salientando que a ideia de libertação dos escravos veio do Ceará, trazida por Romualdo Lopes Galvão e sua esposa, D. Amélia Dantas de Souza Melo Galvão.

De acordo com ele, quando o referido casal chegou a Mossoró, na primeira quinzena de 1882, foi recebido festivamente pelos seus amigos e companheiros da Loja Maçônica 24 de Junho. Romualdo trazia uma mensagem da maçonaria de Fortaleza para a Loja 24 de Junho, de Mossoró, para concitarem, sem perda de tempo, seus amigos e parentes para levar a efeito a grande batalha cívica em favor da raça negra.

Maia explica que foi o próprio Romualdo que promoveu a fundação da Libertadora Mossoroense, como presidente interino, no dia 6 de janeiro de 1883, na Casa das Sessões da Câmara Municipal.

O objetivo da entidade, destaca o pesquisador, era o de libertar todos os escravos do município de Mossoró, a exemplo do que havia sido feito em Acarape, no Ceará.

Segundo Maia, uma vez constituída a sociedade com as adesões dos melhores elementos da terra, foi eleita por aclamação a diretoria definitiva com Joaquim Bezerra da Costa Mendes, presidente, Romualdo Lopes Galvão, vice-presidente, Frederico de Carvalho, 1º secretário, Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, como orador.

Maia frisa o Código da Liberdade, composto de um único artigo, sem parágrafo, que dizia: “Todos os meios são lícitos a fim de que Mossoró liberte os seus escravos”.

No poema de Martins de Vasconcelos, uma espécie de canto, a ideia de povo, pátria e civismo permanece, destacando, por sua vez, o “povo que não se verga”:

Um povo que não se verga  
E extirpa as garras furentes  
Desse monstro de mil dentes,  
– O nefasto servilismo,  
E, sem fugir da contenda,  
Ao restrugir das metralhas...  
Põe-lhe por terra as muralhas...  
– É povo! É pátria! É civismo!

“É povo! É pátria! É civismo!”, com esse tom proclamador, o poema segue seu curso, orientando ao leitor o caminho de uma linguagem carregada de simbologias, como a Fênix, a salvação, a cruz, além de outras.

A perspectiva da luta é uma constante no próprio ritmo do poema, que segue conclamando a que se “assestem as baterias”, como alguém que entra na batalha:

Assestem-se baterias  
Nas fronteiras do porvir,  
E, quando a aurora surgir,  
– A aurora de cada louro –  
Salve-se a luz desse dia,  
E jamais prive o despeito  
O memorar desse feito,  
Que vale mais que um tesouro!

(...)

Como era horrenda essa harpia  
Que chamou-se – escravidão!  
Lava negra dum vulcão  
Que na Líbia rebentara  
E o simum da iniquidade  
Arrojara à Santa Cruz,  
Suplantando o imenso jus  
Que Deus ao homem legara!

O poema continua, evocando que se extinga a “crença ignara dos sectários do egoísmo”. Em tom quase heroico, a ode conclama a uma espécie de batalha, o que pode ser constatado nos versos a seguir:

Derrogam-se as fortalezas  
Que a tirania engendrara,  
Extinga-se a crença ignara  
Dos sectários do egoísmo;  
Arranque-se a folha negra  
Do livro da nossa história,  
Deite-se ao limbo essa escória...  
É bom fugir-se do abismo!...

“Arranque-se a folha negra / do livro da nossa história” representa não apenas um pedido, mas uma exortação do poeta ao “povo que se faz”, numa atitude, até então, desconhecida no verso que, a partir daí, toma ares de ordenança, como aquele capitão que conduz seus soldados. Além de um “preconceito”, ao reproduzir a própria palavra em si: “folha negra”.

Podemos deduzir que o poeta – como muitos de seu tempo – tinha os feitos históricos – principalmente os oficiais – com entusiasmo e idealismo, como atesta Nonato:

A vida do jornal foi para José Martins de Vasconcelos, uma espécie de calendário de lutas cívicas, dado que nessa “dura escola de sacrifícios e decepções”, não teve tempo de arrefecer o entusiasmo e o idealismo de combatente ao lado das campanhas do interesse da coletividade. [...] seu jornal foi, por isso, uma trincheira do bom combate, sempre pronto para condenar as atitudes que não fossem as do equilíbrio e do bom senso, da moralização das instituições, de defesa intransigente das normas administrativas e salvaguarda do patrimônio público. (NONATO, 1974, p. 44).

Percebemos, a partir deste pequeno quadro, que Martins de Vasconcelos se inclui entre os autores que estavam a serviço “do equilíbrio e do bom senso, da moralização das instituições”, da “defesa intransigente das normas administrativas e salvaguarda do patrimônio público”, sob um tom de “civismo”, que pode ser percebido em todo o poema intitulado *Mossoró, 30 de Setembro*.

Acerca disso, não é demais citar Marx e Engels, quando destacam que as ideias da classe dominante são também as ideias dominantes de cada época. Eles esclarecem que a classe que é a potência material dominante da sociedade é também a potência espiritual dominante, pois ela dispõe dos meios de produção material e, ao mesmo tempo, dos meios de produção intelectual, de maneira que, em média, as ideias daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual estão, desde logo, submetidas a essa classe dominante.

As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes, colhidas em forma de ideia e, por conseguinte, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, o que equivale a dizer que são as ideias da sua dominação. (1974, p. 22).

Eagleton (1991, p. 11) salienta que os periódicos dos primórdios do século XVIII já estavam a serviço da classe dominante – da burguesia, num sentido mais restrito, e foram “um elemento da emergente esfera pública burguesa”, servindo, nesse aspecto, a uma forma ideológica poderosa: que era, por sua vez, a influência educativa que afetou também a política, o que se segue até hoje, partindo, pelo seu raio de atuação, para outras áreas do conhecimento, como a Literatura, por exemplo.

A concepção do poema sob a perspectiva do discurso oficial do 30 de Setembro é aqui evidenciada a partir da leitura que podemos fazer de suas entrelinhas, principalmente no tom heroico e de civismo que perpassa todo o poema, ufanizando-o e o transformando numa ode ao “heroísmo” do “povo que se faz”.



Liberdade! Liberdade!  
 Arcanjo bom, mãe dos fracos,  
 Sublime ideal dos Gracos,  
 Estrela vésper dos bravos!  
 Omo tranquilo deixaste  
 Como fizeste feliz  
 O meu ditoso país,  
 Redimindo os seus escravos!

“Treze de Maio”, chuveiro  
 De tua luz fecundante  
 Deu vida ao cedro possante  
 Da redenção dos cativos!  
 E não se ouviu, desde então,  
 O gemer preso e flebil,  
 Do servo infante ao senil,  
 Mendigando lenitivos!

Isso mostra o papel e a função social desempenhada pelo escritor, como atesta Pound (1980, p. 36), destacando que a literatura não existe num vácuo. “Os escritores, como tais, têm a função social definida, exatamente proporcional à sua competência como escritores. Essa é a sua principal utilidade”.

(...)  
 Ó irmãos, ó brasileiros!  
 Professemos, sem maldade,  
 O ritual da igualdade,  
 Nos cenáculos da luz.  
 Cinjamos o gládio santo  
 – O gládio da redenção –  
 Que a Liberdade é a unção  
 Por Cristo dada na cruz!

Apesar do tom epopeico e, até certo estágio, exacerbado, o poeta confessa a verdade que, durante alguns anos, muitos outros viriam a deturpar, colocando Mossoró como primeira cidade a libertar os escravos no País. No trecho que se segue, ele cita a primeira cidade a alforriar seus cativos: Acarape, no Ceará.

(...)  
 Escutai, mossoroenses:  
 Houve outros feitos de heróis,  
 Que valeram mais que sóis,  
 Derramando luz aqui:

Como um beijo de Iracema,  
 Dos Acarapes virentes,  
 – Qual sonho de Tiradentes –  
 Uma voz gritou: Poti!

Oitenta e três – ano heroico  
 Do áureo século das luzes –  
 Troando, qual mil luzes –  
 Exalçou, de asas pujantes,  
 O Condor da Abolição,  
 Que deixava nos caminhos,  
 Onde fazia seus ninhos,  
 Uma prole de gigantes!

Mitologia e discurso de liberdade permeiam outros versos do poema, evidenciando o valor do ato de libertação e colocando o município numa posição de destaque: “Mossoró, tão nobre e altivo”... como ressalta, nos versos seguintes:

Essa visão imortal  
 – Mais que a Fênix celebrada –  
 Nas garras tendo uma espada  
 Em defesa do cativo,  
 – Pousou na frente viril  
 Do campeão meigo e forte,  
 Do Rio Grande do Norte  
 – Mossoró, tão nobre e altivo...

Em plena cidade, um brado,  
 Cheio de amor e bondade,  
 Repercutiu: – Liberdade!  
 De setembro aos trinta dias!  
 E a boa fama prossegue  
 Desde esse dia, a sorrir,  
 Como a história faz seguir  
 A santa lei do Messias!

Hoje, e nunca como Atiante  
 Que ao peso vergou sem fim...  
 Ó meu Brasil, livre, assim,  
 Dos ferros da Escravidão,  
 Te vejo acima dos Andes!  
 E a ti, Mossoró liberta,  
 Eu salvo! E alerta! Alerta!  
 Ó pátria de Camarão!

O tom acentuado nos últimos versos – seguindo a trajetória da introdução do poema – nos leva a um dos objetivos do poeta: transmitir mais que sentimentos, transmitir uma ideia, uma ordem, uma conclamação. Ou seja, quando o poeta exclama: “E a ti, Mossoró liberta, / Eu salvo! E alerta! Alerta!” ele abre as portas para a conclamação à cidade, a fim de que esta esteja “sempre alerta”, que é, como sabemos, o grito e o lema dos escoteiros.

Para lembrarmos, enfim, Barthes (1989, p. 118), não é muito elucidar que, no caso do poema de Martins de Vasconcelos, podemos identificar um autor situado a meio caminho entre o “militante e o escritor”, “herdando do primeiro uma imagem ideal do homem engajado, e do segundo a ideia de que a obra escrita é um ato”, ou, ainda, uma demarcação, um registro, um apoio e um suporte ao discurso oficial.

Mas, também como escritor, é preciso levar em consideração que o poeta está perpassado pelo prazer da escrita, como atesta Gondim Filho (2008):

Escrever é desdobrar a alma, multiplicar o sentido das coisas, mergulhar na imensidão da existência, perceber o mistério dos simples, registrar o gozo infinito do corpo, querer a vida além de todos os limites, sentir a presença do outro, projetar o ser na medida do próprio ser. Escrever é descobrir moradas, modelar seres, conduzir sonhos, precipitar desejos, cantar utopias, saborear a realidade, combinar distâncias, percorrer saudades, anular ausências, beijar as palavras com apetite voraz. É o mel escorrendo vagorosamente na garganta do tempo. É sibilar tempestades de auroras, descalçar as esperas. Escrever é a delícia da língua. (GONDIM FILHO, 2008, p. 11).

Mais que um ato político (para nos lembrarmos de Barthes, 1989), a escritura literária é, também, um caminho para o sentido ideológico e, ao mesmo tempo, uma senda da liberdade, vereda de descobertas, mundo de distâncias infindas, distâncias essas que separam “verdades” e “verdades”, “ideias” e ideais”, “sentidos” e “sentidos” que perpassam o texto, emoldurando a sua lógica, tantas vezes desconhecida e seu teor, algumas vezes, nebuloso, nos fazendo perscrutar um caminho que pode nos conduzir à cegueira ou à plenitude da visão literária, à abertura de novas realidades, à procura da senda poética, aberta pelo escritor, através de seus versos ou de sua vida.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar não apenas o percurso de um poeta, mas sua história enquanto jornalista e sua contribuição enquanto agente transformador de uma realidade foram apenas alguns dos objetivos de nosso trabalho acerca de um dos mais importantes nomes da literatura no Estado, o poeta e jornalista José Martins de Vasconcelos.

Além disso, é importante salientar que, nesse sentido, vale a observação pertinente de Nonato (1974) ao afirmar que era Martins de Vasconcelos o exemplo de homem que se formou por si, descobrindo um mundo desconhecido, existente por trás da Literatura, o que foi constatado por Cascudo, ao referir-se a Martins de Vasconcelos como “um amigo dos livros”.

No entanto, muito além de perscrutar uma existência livresca, nosso trabalho teve como um de seus objetivos avaliar o sentido ideológico do poema, especialmente do *Mossoró, 30 de setembro*, de autoria de Martins de Vasconcelos, um poeta ligado à história local e, em certa medida, um escritor a serviço da manutenção do discurso oficial de uma cidade “libertadora”, especialmente nos poemas da chamada segunda fase de sua produção literária.

Esses poemas estão, como vimos, “salpicados” pela história oficial, especialmente no que diz respeito à libertação dos escravos no município de Mossoró-RN, no ano de 1883, fato este que tratamos no decorrer do trabalho, analisando o poema já citado.

Como destacamos, é necessário, desta forma, retirar a venda dos olhos em se tratando do uso da poesia para manutenção de discursos oficiais e vemos, como realidade, a escritura não apenas como matéria vinda da “inspiração” ou nascida “de um nada”, mas com um sentido ulterior, aquele em que o seu autor trabalha não apenas a sua palavra, mas as suas ideias e a de outros, ideias essas que perpassam por todo o texto, que estão fincadas no conteúdo de seus versos, evidenciando não apenas o sentido literal, mas o outro, aquele que muitos não querem enxergar ou que, simplesmente, preferem ignorar.

Nesse sentido, o escritor é, também, esse agente a serviço de algo, seja de sua própria condição de escritor, seja de sua condição no mundo. Agente este ligado a correntes, tendências, formas, conceitos, culturas, bases (políticas, sociais, religiosas). Agente este que serve, também, a poderes superiores, “a forças ocultas” que se revelam no texto, a fatos e “verdades” propagadas, tal qual acontece no jornalismo, como lembra Rossi (1986, p. 7), destacando que, independente de qualquer definição acadêmica, o jornalismo “é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos”.

Assim, Vasconcelos não foge a essa “quase regra” e se estabelece entre o vate que louva a musa e aquele que ufaniza a cidade e seus feitos, servindo a dois senhores, numa perspectiva que demonstra não apenas estarmos diante de fases literárias, mas de uma manutenção do discurso oficial da “liberdade”, da cidade “à frente de sua época”, de um “povo que se faz”, de um País de Mossoró, para aqui usarmos a frase clássica e cheia de significados, utilizada, um dia, por Vingt-un Rosado.

Não obstante, é Martins de Vasconcelos, nesse contexto, um autor entre dois mundos: aquele que gravita em torno de seu poema – de seu poema apenas, do poema que nasce de seu interior, cheio de coisas passadas – e do poema que nasce de seus ideais, de suas concepções políticas, de seu engajamento, de suas “verdades”, da manutenção de uma história que perpassa, já, mais de um século, sob a égide da libertação e, até certo ponto, da enganação, mostrando que Mossoró mantém, como um título político, a ideia de “cidade progressista”, “forte” e “vanguardista”, seja no cenário da resistência à parte do bando do cangaceiro Lampião (fato ocorrido em 1927), seja na libertação de seus cativos (1883).

Através de pesquisa em livros, especialmente na biografia feita durante o centenário de Martins de Vasconcelos (1974), constatamos que estamos diante de um caso raro de poeta multifacetado, que se utilizou, não apenas do jornalismo, mas da arte em geral (a música, por exemplo), para propagar suas ideias, numa época em que a imprensa era, ainda, um dos meios mais fortes de comunicação entre os poderes constituídos, os poetas, escritores, autoridades e a sociedade em geral.

Nesse contexto, Martins de Vasconcelos inaugura um novo momento na imprensa local, fundando jornais e participando ativamente da vida cultural e literária da cidade, sendo um dos mais atuantes escritores da virada do século no Estado, publicando autores, escrevendo livros, editando jornais e revistas, mesmo com dificuldades comuns àquele período, principalmente de ordem estrutural e financeira, uma vez que seu jornal, como lembrava Nonato (1974), era uma verdadeira “gaveta de sapateiro”, onde de tudo se podia encontrar, especialmente um homem vestido em mangas de camisa, de óculos e de cachimbo em punho, “sempre assoberbado”, desenvolvendo sua atividade dinâmica, “em um trabalho digno de uma empresa”.

Como jornalista e editor, Martins de Vasconcelos deu prosseguimento à tradição literária exercida, até hoje, pelo jornal *O Mossoroense*, em se tratando de publicação de poesias. Em seu jornal, *O Nordeste*, publicou novos autores, revelou talentos e disponibilizou suas páginas para os escritores da cidade.

Esse aspecto um tanto quanto “altruísta”, modelou, de certa forma, a imagem do jornalista ao lado dos novos talentos, como atestava Vingt-un Rosado, reconhecendo, em Vasconcelos, o seu primeiro editor (WANDERLEY *apud* ROSADO, 1974).

A publicação do poema é, por outro lado, objeto de estudo deste trabalho, sendo, por sua vez, um importante fato que atravessa a história do jornalismo no município, fato este mantido, com esforço, pelo centenário jornal

Palco, também, de muitas batalhas, o jornalismo mossoroense necessita, como vimos, de uma página dedicada a sua contribuição ao debate literário, uma vez que é um dos poucos, no Estado, a se manter, de certa forma, fiel à publicação poética.

Vale frisar, ainda, que esta perspectiva literária é um dos pontos pelos quais os futuros historiadores, especialmente os que trabalham a simbiose entre jornalismo e literatura poderiam se ocupar, no futuro, dando especial atenção ao caso de Mossoró, em sentido restrito, à publicação de poemas em seus dois periódicos mais antigos, *O Mossoroense* e a *Gazeta do Oeste*.

Na análise de conteúdo desenvolvida ao longo deste trabalho, especialmente no capítulo em que tratamos acerca do poema *Mossoró, 30 de Setembro*, de autoria de Martins de Vasconcelos, podemos afirmar que a sua

poesia, em especial a produzida em sua chamada segunda fase, está, sim, a serviço da história oficial. Mas não apenas isso: que seus poemas da segunda fase são um exemplo de manutenção do *status quo* e a evidência de que os poetas podem, sim, ser instrumentos e, também, se utilizar de mecanismos para divulgação ideológica, como foi o caso de Vasconcelos.

*Mossoró, 30 de Setembro* é um dos mais longos poemas produzidos pelo sonetista de Apodi, sua terra natal, e que conclama a toda cidade a se unir em torno de um tema, de maneira até heroica.

Seu poema, assim como parte de sua obra, demonstra um poeta preocupado com a “manutenção da história” e com o estabelecimento de uma “verdade”.

Ligações e tendências à parte, a história de Martins de Vasconcelos daria, por outro lado, um especial capítulo na historiografia literária do Rio Grande do Norte, uma vez que, além de importante autor, músico e orador, foi Vasconcelos um engajado editor, publicando e distribuindo obras, num período da história em que era quase impensável manter uma publicação em pleno sertão nordestino.

Assim, é de se observar que essa história precisa, ainda, de um longo capítulo, de um capítulo para o jornalista e de um capítulo para o autodidata. Enfim, de um capítulo em que não se finde a história de um homem e sua produção, de um capítulo em que não se analise, com nossas limitações comuns, um poema, mas que traga o perfil de uma vida dedicada ao jornalismo de província e à literatura, esta segunda relegada às notas de rodapé.

Desta forma, não apenas lembrando-se de um nome, mas de uma história, é que é preciso salientar o de Martins de Vasconcelos entre aqueles que, a sua maneira e em seu tempo, dentro de impensáveis possibilidades, fez surgir, no árido chão do sertão nordestino, a centelha da esperança literária, aquela centelha que deve sempre estar acesa no coração das publicações e palpitante, a todo tempo, na alma dos poetas.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Da arte poética**. Tradução: David Jardim Júnior. São Paulo: Ediouro, 1989.

ANJOS, Cyro dos. **A criação literária**. Cadernos de Cultura. Rio de Janeiro, 1956.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. Tradução: Heloysa de Lima Dantas e Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1989.

BRITO, Raimundo Soares de. **Amol, patronos e acadêmicos**. Mossoró: KMP / Petrobras, 2008.

CASCUDO, Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. Coleção Mossoroense: Mossoró, 1955.

EAGLETON, Terry. **A função da crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GONDIM FILHO, Raimundo Leontino Leite Gondim. **A geometria do fragmento**. São Paulo: Scortecci, 2008.

GURGEL, Tarcísio; GURGEL, Deífilo; VITORIANO, Vicente (Orgs.). **Introdução à cultura do Rio Grande do Norte**. Natal: Editora Grafset, 2003.

NONATO, Raimundo; LEMOS, Cosme. **Dois depoimentos sobre Martins de Vasconcelos**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1964.

NONATO, Raimundo; WANDERLEY, Walter. (Orgs.). **Jornalista Martins de Vasconcelos, um homem de muitas lutas**. Mossoró: Coleção Mossoroense e Pongetti, 1974.

MARX, Karl. FRIEDRICH, Engels. **Sobre literatura e arte**. Lisboa: Editoria Estampa, 1974.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

MUNIZ, Caio César. **100 poetas de Mossoró**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2000.

NASCIMENTO, Geraldo Maia do. **Fatos e vultos de Mossoró**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2002.

NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus, 2007.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2008.



POUND, Ezra. **O abc da literatura**. Tradução: Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1980.

ROSADO, Dalvanir. **A poesia em Mossoró**. Mossoró: Instituto Cultural do Oeste Potiguar, 1958.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

VASCONCELOS, José Martins de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores e Coleção Mossoroense, 1956.

## PERIÓDICOS

NASCIMENTO, Geraldo Maia do. **Martins de Vasconcelos**. Jornal Clandestino, janeiro de 2004.

O MOSSOROENSE. **Celebração**: lei que institui 30 de setembro como feriado municipal completa 100 anos. Mossoró-RN, sexta-feira, 13 de setembro. Capa Cotidiano.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de história da abolição mossoroense**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/omossoroense/150902/geraldo.htm>>. Acesso em 26 ago. de 2013.

**ANEXOS**



**José Martins de Vasconcelos**

Poemas do livro *Obras Completas*, José Martins de Vasconcelos, Série C, Coleção Mossoroense e Irmãos Pongetti, Rio de Janeiro, 1956.

**Mossoró, 30 de Setembro**

Ao digno povo de Mossoró, que hoje comemora o maior feito dos seus antepassados abolicionistas de 83, que extinguiram a escravidão neste município.

Desfraldem-se os estandartes  
 Das falanges do civismo,  
 Retumbem, com altruísmo,  
 Os epinícios da paz:  
 E brade, altivo, de pé,  
 Desde a monta à cidade,  
 O gênio da liberdade;  
 - Viva um povo que se faz!

Assestem-se baterias  
 Nas fronteiras do porvir,  
 E, quando a aurora surgir,  
 - A aurora de cada louro –  
 Salve-se a luz desse dia,

E jamais prive o despeito  
O memorar desse feito,  
Que vale mais que um tesouro!

Derrogam-se as fortalezas  
Que a tirania engendrara,  
Extinga-se a crença ignara  
Dos sectários do egoísmo;  
Arranque-se a folha negra  
Do livro da nossa história,  
Deite-se ao limbo essa escória...  
É bom fugir-se do abismo!...

Ó irmãos, ó brasileiros!  
Professemos, sem maldade,  
O ritual da igualdade,  
Nos cenáculos da luz.  
Cinjamos o gládio santo  
- O gládio da redenção –  
Que a Liberdade é a unção  
Por Cristo dada na cruz!

Um povo que não se verga  
E extirpa as garras furentes  
Desse monstro de mil dentes,  
- O nefasto servilismo,  
E, sem fugir da contenda,  
Ao restrugir das metralhas...  
Põe-lhe por terra as muralhas...  
- É povo! É pátria! É civismo!

Como era horrenda essa harpia  
Que chamou-se – escravidão!  
Lava negra dum vulcão  
Que na Líbia rebentara  
E o simum da iniquidade  
Arrojara à Santa Cruz,  
Suplantando o imenso jus  
Que Deus ao homem legara!

Não vos causa tédio um nome  
Que só recorda impiedade,  
Desespero e atrocidade,  
Peloirinhos e grilhões?  
Quantos gemeram, sem fé,  
Do resgate tão sonhado!  
Ai! Como era desgraçado  
O cativo entre as nações!

Liberdade! Liberdade!  
 Arcanjo bom, mãe dos fracos,  
 Sublime ideal dos Gracos,  
 Estrela vésper dos bravos!  
 Omo tranquilo deixaste  
 Como fizeste feliz  
 O meu ditoso país,  
 Redimindo os seus escravos!

“Treze de Maio”, chuveiro  
 De tua luz fecundante  
 Deu vida ao cedro possante  
 Da redenção dos cativos!  
 E não se ouviu, desde então,  
 O gemer preso e flebil,  
 Do servo infante ao senil,  
 Mendigando lenitivos!

Escutai, mossoroenses:  
 Houve outros feitos de heróis,  
 Que valeram mais que sóis,  
 Derramando luz aqui:  
 Como um beijo de Iracema,  
 Dos Acarapes virentes,  
 - Qual sonhos de Tiradentes –  
 Uma voz gritou: Poti!

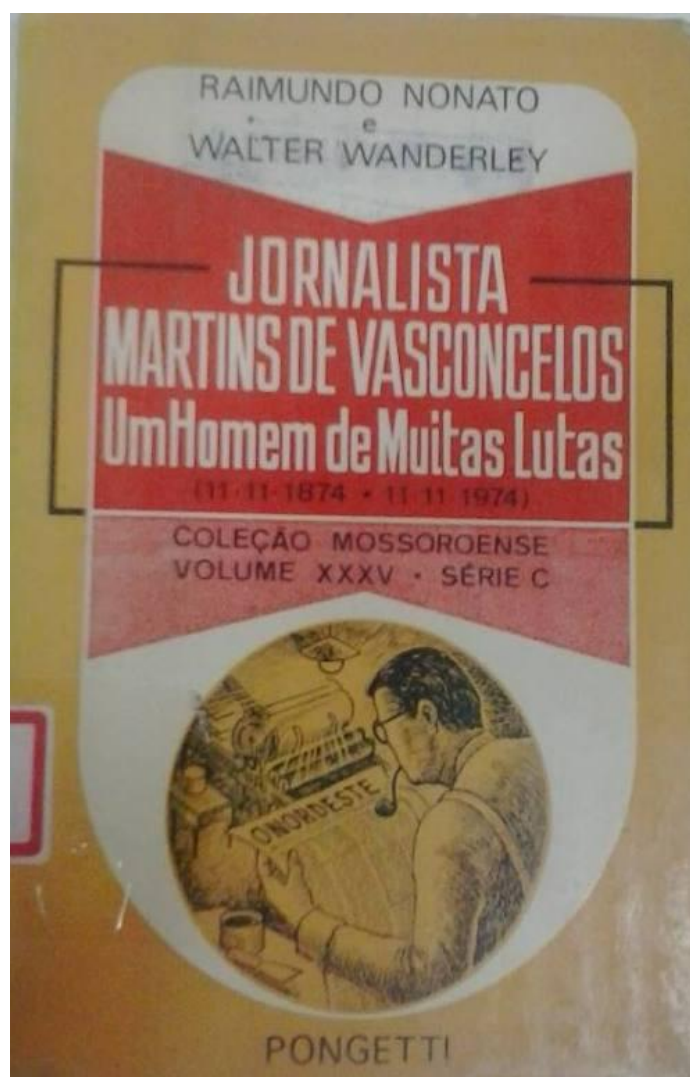
Oitenta e três – ano heroico  
 Do áureo século das luzes –  
 Troando, qual mil luzes –  
 Exalçou, de asas pujantes,  
 O Condor da Abolição,  
 Que deixava nos caminhos,  
 Onde fazia seus ninhos,  
 Uma prole de gigantes!

Essa visão imortal  
 - Mais que a Fênix celebrada –  
 Nas garras tendo uma espada  
 Em defesa do cativo,  
 - Pousou na frente viril  
 Do campeão meigo e forte,  
 Do Rio Grande do Norte  
 - Mossoró, tão nobre e altivo

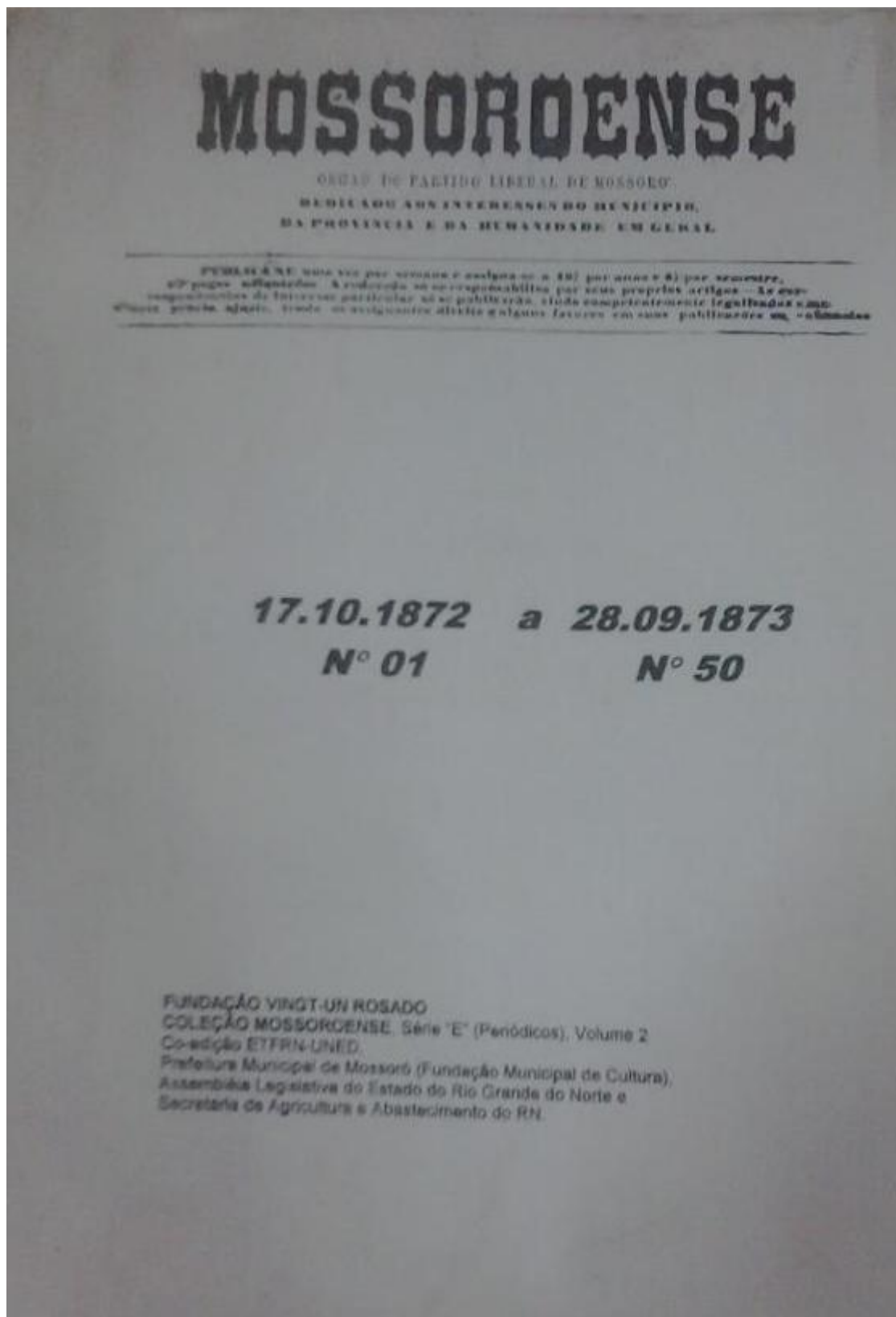
Em plena cidade, um brado,  
 Cheio de amor e bondade,  
 Repercutiu: - Liberdade!  
 De setembro aos trinta dias!

E a boa fama prossegue  
Desde esse dia, a sorrir,  
Como a história faz seguir  
A santa lei do Messias!

Hoje, e nunca como Atiante  
Que ao peso vergou sem fim...  
Ó meu Brasil, livre, assim,  
Dos ferros da Escravidão,  
Te vejo acima dos Andes!  
E a ti, Mossoró liberta,  
Eu salvo! E alerta! Alerta!  
Ó pátria de Camarão!

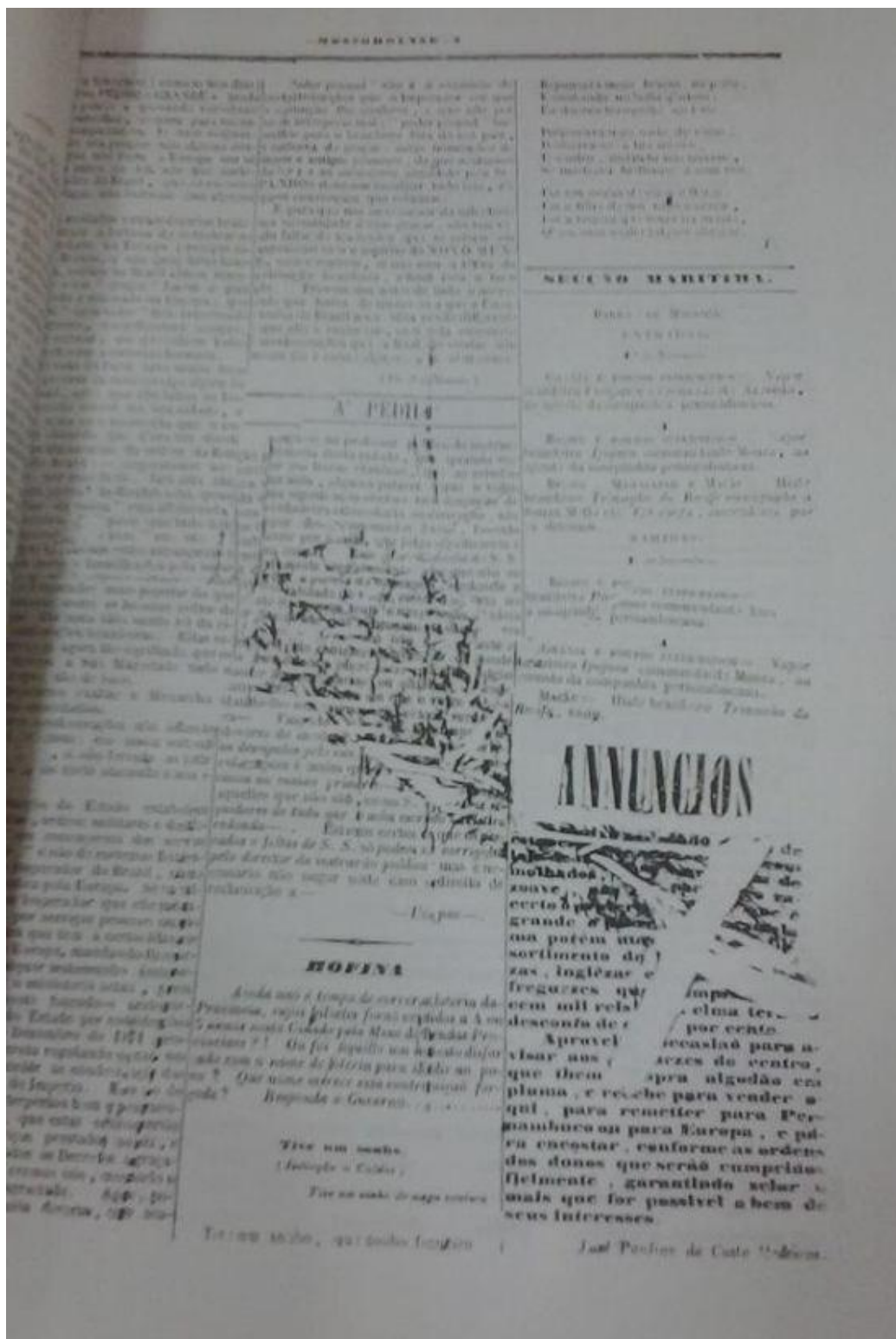


Obra em comemoração ao centenário de José Martins de Vasconcelos.



**O Mossoroense – exemplar recuperado em edição da Coleção Mossoroense.**





Exemplar número 4 de O Mossoroense, de 10 de novembro de 1872, com o primeiro poema (que temos registro), intitulado Tive um sonho, assinado por um pseudônimo: V.